

HÁ TRADUÇÃO PARA O TEXTO LITERÁRIO?

Bernardo Romagnoli Bethônico (FALE – UFMG)

2 de Março de 1996

Há-de-nós – que refulges no texto – santificado
 seja o teu labor, sereno e incansável,
 o azul de cada dia nos dai hoje
 e assim se prolongue a noite
 e o seu fruto – uma manhã de seda
 tão cheia de impensado como esta;
 pelas manchas das palavras que dizemos _____ nos dai
 uma língua, uma trepidação de incognoscível,
 não universal mas
 exacta, que te atravessasse, ó Há,
 e rasgue na terra um jardim edénico,
 desocultado,
 florescendo de é, de sempre e de aqui.¹

O que nos passa o “Há” de que Llansol fala ? Para onde nos leva ?

“Pois que ‘diz’ uma obra literária ? Que comunica ela ? Muito pouco para quem a compreende.”²

Comentando Benjamin em *Torres de Babel*, Derrida se referirá à tese de que para um texto poético ou sagrado (e conseqüentemente para suas traduções), a comunicação não é o essencial – o objetivo de qualquer obra de arte não é e nunca foi comunicar-se. “Esse questionamento não concerne diretamente à estrutura comunicante da linguagem, mas, de preferência, à hipótese de *um conteúdo comunicável que se distinguiria rigorosamente do ato lingüístico da comunicação.*”³ [grifo meu]

Derrida, então, pergunta: “...uma abertura é assim feita em direção à dimensão performativa dos enunciados ?”⁴. A dimensão em que “dizer é fazer”, em que as coisas existem porque são ditas, a dimensão na qual a pronúncia está colada

¹ Llansol, 1997, p. 11.

² Benjamin, 1992, p. 5

³ Derrida, 2002, p. 34

⁴ idem

à realidade, em que os verbos *são* de fato o que eles dizem: não seria isto o texto, uma abertura para a atualidade viva, um “Há” ? Llansol responde a Derrida que a abertura de um conteúdo que se distinguiria rigorosamente do ato lingüístico, da comunicação, deve se dar através de uma língua “não universal mas/ exacta, que te atravesse” e “rasgue na terra um jardim edênico, / desocultado,/ florescendo de é, de sempre e de aqui.”

Uma língua exata; uma língua de é. A língua que é antes da confusão que separa o homem por meio das línguas, antes de Babel, edênica. A língua que todo tradutor quer traduzir. A língua que, apesar ou por causa da confusão (da tradução), sobrevive.

...alguma linguagem originária, palavra suprema que teria sido suficiente falar para o dizer verdadeiro. Benjamin retém alguma coisa desse sonho. Todas as línguas, observa ele, visam à mesma realidade, mas não da mesma forma. (...) Tomadas uma a uma, as línguas são incompletas. Pela tradução, eu não me contento em substituir um modo por outro, um caminho por outro caminho, mas eu aceno a uma língua superior que seria a unidade complementar de todos esses modos de visada diferentes e que falaria idealmente à junção do mistério reconciliado de todas as línguas faladas por todas as obras.⁵

Antonin Artaud parecia estar atento a esse mistério. Ao tentar traduzir “Jabberwocky”, de Lewis Carrol, ele escreve em carta a Henri Parisot:

Pode-se inventar uma linguagem própria, fazer com que a linguagem fale com um sentido extragramatical, mas é preciso que haja um sentimento válido em si, que provenha do horror – o horror, este velho servo da dor, sexo como uma coleira subterrânea de aço produzindo seus versos a partir da sua doença: *o ser, e nunca tolerando que o esqueçam*. [o grifo é meu]

O ser. As palavras. As palavras fundadas no ser, nunca tolerando que o esqueçam. As palavras sendo usadas para lembrar ao ser de que ele existe, e portanto vivas. Nunca tolerando que as esqueçam. Artaud é um dos que entram em contato com a estranha vida delas:

⁵ Blanchot, p. 2

⁶ Artaud, 1983, p. 116

Sou um ignorante. Acreditava estar seguro do sentido das palavras, acreditava-me até um certo ponto ser seu mestre. Mas agora que eu as *experimentei* um pouco, ele me escapa./ Por quê ? / As palavras valiam pelo que eu as fazia dizer, isto é, pelo que lhes colocava dentro. / Mas eu nunca pude saber exatamente até que ponto eu tinha razão.⁷

Artaud, sem saber mais para que (ou porque) as palavras valiam, via-as escaparem de seu sentido. Fugidio movimento de vida que Françoise, personagem de Luis Vilela, também perscrutará:

Beto diz que a gente pode aprender tudo com as palavras, mas para isso é preciso a gente gostar delas feito a gente gosta das pessoas. Eu também já pensei isso uma vez. Já reparou como é engraçado uma palavra se a gente fica olhando para ela muito tempo e pensando nela ? É engraçado, ela parece que começa a mexer, a viver; parece uma coisa viva. Palavras parecem uma porção de bichinhos brincando; brincando de serem palavras; já reparou nisso? Fale uma palavra que você acha bonita...⁸

É porque as palavras são assim, vivas, que a tradução se faz.. Tradução: a possibilidade na existência das palavras. Para que seu “Há” flua e respire, para que elas *sobrevivam*, são traduzidas. Benjamin caracterizará o tradutor como o “agente da sobrevida”, que é aquele que exerce a tarefa de fazer a obra ultrapassar determinado limite, o limite da língua, para *sobreviver* em outro. Nessa tarefa o tradutor deve buscar aquilo que no texto sobrevive ao tempo e a qualquer outra coisa, a qualquer outro limite: “...a tradução mantém um vínculo estreito com o original. (...) Pode-se chamá-lo natural e, mais propriamente, vínculo de vida. (...) Por certo menos de sua vida que de sua sobrevivência.”⁹ Derrida comenta: “Tal sobrevida dá um pouco mais de vida, mais que uma sobrevivência. A obra não vive apenas mais tempo, ela vive *mais e melhor*, acima dos meios de seu autor.”¹⁰

Acima dos meios de si mesmo estava Hölderlin, esse autor alemão que chega até nós através de Maria Gabriela Llansol, com seu espírito dividido “em miríades

⁷ Artaud apud Rey, 2002, p. 54

⁸ Vilela, 1999, p. 84

⁹ Benjamin, 1992, p. 7

¹⁰ Derrida, 2002, p. 33

de luzes dispersas.”¹¹ Hölderlin traduzia. Benjamin diz que em suas traduções “...a harmonia das línguas é tão profunda que o sentido é apenas tangido pela linguagem como uma harpa eólia ao vento. (...) Nelas o sentido rola de abismo em abismo até quase perder-se nas insondáveis profundezas da linguagem.”¹² Se, ao experimentar a natureza própria das palavras, Artaud e Françoise vêm desaparecer justamente aquilo que elas trazem *dentro* de si, está claro que a experiência aí é uma experiência que ocorre *na letra*, no lado de *fora*. A palavra em si nomeia o inominável e ponto. As “profundezas da linguagem” são talvez a superfície na palavra, a sua pronúncia, a sua grafia, o seu uso. “A sensação não se realiza no material, sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto ou no afecto. Toda a matéria se torna expressiva.”¹³

E Hölderlin, esse tradutor que tratará a matéria, em traduções de uma literalidade incomparável, é justamente o poeta que dirá que “No poema, a sensação fala idealmente”¹⁴ Dessa forma, a tradução do texto literário não começa na transmissão de um conteúdo, de uma informação, um sentido; nem tampouco por uma representação da obra a ser traduzida, substituindo-se palavras equivalentes; mas antes por um exercício de escuta, por um cuidado com a sensação que está ali a falar, sensação que é a abertura de um conteúdo diverso do representativo, do comunicativo – conteúdo *atuante*, performativo, apresentativo, que aponta para uma dicção que cria a sua própria realidade. O tradutor não representa mais, ele *atua*. As traduções de Hölderlin, no oitocentos alemão, foram tachadas negativamente de “sem sentido”. Nessa época, a arte era circundada por idéias mais platônicas. Hoje muito já se fala sobre o sentido que “cessou de ser a linha divisória para o fluxo da linguagem e para o fluxo da revelação”¹⁵ Se o texto, pois, não comunica nada, ele revela.

¹¹ Llansol, 1993, p. 11

¹² Benjamin apud Campos, 1977, p. 95

¹³ Deleuze, 1992, p. 217

¹⁴ Hölderlin, 1994, p. 59

¹⁵ Derrida, 2002, p. 71

Referências Bibliográficas

- ARTAUD, Antonin. *Os escritos de Antonin Artaud* – Tradução, prefácio, seleção e notas Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- BENJAMIN, Walter. *Die Aufgabe der Übersetzers, A tarefa do tradutor*. Trad. Dirce Riedel, Luiz Costa Lima e outros. Rio de Janeiro: UERJ, 1992.
- BLANCHOT, Maurice. “Traduzir”. Trad. Cynthia Santos Barra. (Inédito)
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1997. Pp. 93-107: A palavra vermelha de Hölderlin.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia ?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- HÖLDERLIN, Friedrich; DASTUR, Françoise. *Reflexões*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Hölder, de Hölderlin*. Lisboa: Colares Editora, 1993.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *O Sonho de que temos a linguagem*. In: COLÖQUIO/LETRAS, Lisboa, Fundanbenkian, n. 143/144, Janeiro-Julho 1997.
- REY, Jean-Michel. *O nascimento da poesia: Antonin Artaud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- VILELA, Luis. “Françoise”. In: *Tarde da Noite: contos*. São Paulo, Ática, 1999.